

The background is a complex, abstract composition. It features a large, multi-colored butterfly (with wings in shades of orange, red, green, and blue) and a clock face with numbers and hands. The entire scene is overlaid with a dense network of black, hand-drawn lines and scribbles, creating a sense of movement and depth. The color palette is dominated by warm tones like yellow and orange, with cooler greens and blues interspersed.

ELENIR ALVES
ORGANIZADORA

UNIVERSO

CONTOS, CRÔNICAS E POEMAS

IMAGINÁRIO

selo
REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização e projeto editorial: Elenir Alves

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2022

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO, CRÔNICA OU POEMA

Arantes, por Helena Girard, pág. 05

O bebê, por Helena Girard, pág. 09

Dilema de um crossdresser, por Ivan Ribeiro, pág. 12

Parábola, por Roberto Schima, pág. 14

A saudade não tem hora certa!, por Rosildo Barcellos, pág. 20

Universo da poesia, por Wanda Rop, pág. 24

Conheça outros títulos, pág. 27

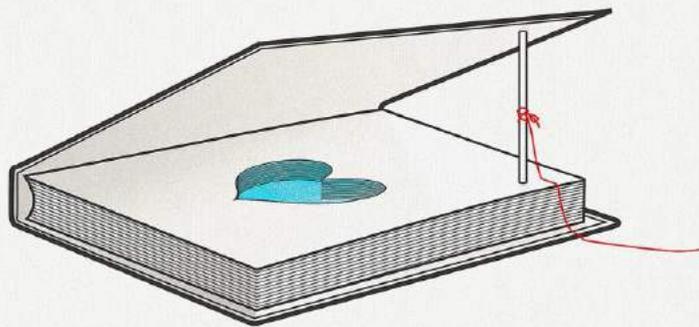
Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - elenir@cranik.com

VISITE:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.facebook.com/projetoautoestima

www.instagram.com/revistaprojetoautoestima



"O amor e a literatura coincidem na procura apaixonada, quase sempre desesperada, da comunicação." — Jorge Duran



APRESENTAMOS O CONTO ARANTES

Por Helena Girard

Helena Girard nasceu em Cametá-Pa, gosta de rir de tudo e de nada, é atriz, artesã, mãe, avó, mulher determinada a viver a vida intensamente. Escreve por prazer e, se pudesse, viajaria pelo mundo.

Dulce era seu nome. Um nome que fazia jus. Linda! Cabelos longos, cacheados e sedosos, de um castanho que reluzia ao reflexo do sol, narizinho arrebitado, olhos amendoados, boca carnuda e vermelha, que realçava dentes alvos e o corpo delicado, moreno, com curvas generosas, disfarçadas pelo vestido de musselina florida.

Dulce...Doce...Doce...Dulce! Não havia quem não se encantasse com aquela morena brejeira. Era alvo de olhares libidinosos. Todos os dias ela passava pela praça, deixando um rastro de alegria, jovialidade, beleza e sensualidade. Seus movimentos eram espontâneos, ingênuos, tranquilos. Ela sempre passava com o vento das dezesseis horas.

Arantes. Homem maduro, bem apessoado, de posses, não admitia ser contrariado. Casado, pai de duas filhas, respeitado por sua influência social e econômica. Nada, absolutamente nada, depunha contra ele. Tinha crédito em todos os sentidos. Era um homem de caráter. E ele a via passar todas as tardes. Seu olhar acompanhava o gingado sensual dela. Arrancava-lhe suspiros, toldava-lhe a mente, deixando o ventre dolorido, fazendo seu membro pulsar de desejo. Era uma tara doentia. Queria ser como o vento que deslizava naquele corpo com delicadeza, mas ao mesmo tempo arrebatador. Queria poder, junto com o vento, levantar-lhe a saia do vestido e possuí-la, uivando, assobiando, invadindo aquele corpo jovem, viril, sedutor.

À medida que o tempo passava, Arantes aproximava-se mais de Dulce. Olhava-a com intensidade. Punha-se a esquadrinhar cada pedacinho dela. Ficava imaginando como seria deitar sobre aquele colo firme, sobre aquele corpo moço. Arantes soube como ela se chamava. E babava ao sibilar seu nome. Parecia uma cascavel pronta para dar o bote. Não havia tarde que não estivesse naquele lugar. Por lá ela teria que passar juntinho dele. Era lá que o desejo se avolumava ao sentir-lhe o cheiro. Foi lá, naquela tarde, que tomou a decisão.

Dulce tinha no vento seu companheiro. Ele trazia-lhe cheiros, sabores, alegria, companhia. Seu caminho parecia ficar mais fácil quando o vento a acompanhava.

E mais uma vez Dulce o vê. Chamava-lhe intimamente de camaleão. Aquele homem camuflava-se. Nada que pudesse ser percebido. Ela não sabia o que era: apenas não se sentia à vontade diante dele. Não sabia como, mas ele representava perigo. Ele sempre era gentil com ela. Sempre acenava-lhe com o chapéu. E isso bastava para deixá-la apreensiva.

Naquela tarde, por volta das dezesseis horas, mais uma vez o Arantes foi gentil com Dulce. E mais uma vez Dulce encantou a praça com o frescor de sua beleza e juventude. E começou o caminho de volta para casa com seu eterno companheiro – o vento. E quando passou por aquele lugar, sentiu o companheiro mudar de direção. Estava, nesse dia, mais feroz que de costume. Várias vezes tentou levantar-lhe a saia. Encheu-lhe os cabelos de folhas, toldou-lhe a visão com ciscos. Dulce apertou o passo. Algo estava estranho. Sentia uma presença que não era bem-vinda. Vez por outra um friozinho percorria-lhe a espinha. Não sabia precisar o que era. Já não via viva alma pelo caminho. Pensou em voltar, mas se assim fizesse, se atrasaria para preparar o jantar. Seguiu seu caminho. E foi bem ali que tudo aconteceu. O camaleão surgiu em sua frente. O vento, antes companheiro, parecia conspirar contra ela.

Ele chegou-se. E o medo paralisou-a. E ele tocou-lhe os cabelos e contornou seu rosto com o dedo úmido e passou-lhe as mãos sobre os seios. O toque indesejado queimava-lhe a carne. E veio em sua boca o gosto amargo de fel e vômito. Despejou tudo sobre ele. Encolerizado, tomou-a com brutalidade, arrancando os botões do vestido, deixando à mostra os mamilos, agora eriçados pelo nojo que o toque lhe causava. E ele sugou-os até sentir na boca o gosto de sangue. Lágrimas corriam pelo rosto de Dulce. O vento, agora era seu inimigo. Arantes agarrou-a, jogou-a no chão e ali mesmo a possuiu. Quis provar-lhe o gosto da boca, mas ela cerrou os lábios. De todos os seus sentidos, só a audição funcionava: podia ouvir o silvo do vento e o som repugnante do urro dado por Arantes ao satisfazer seu desejo bestial.

E ele deixou-a lá, largada ao sabor do vento, que, agora, soprava mansamente.

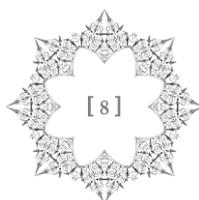
Dulce, em estado de choque, levantou-se, cobriu-se como pôde e se pôs a caminho de casa. Sua ausência foi sentida na praça por longos doze meses. Só o tempo de parir um natimorto e enlouquecer.

“— Cuidado, cuidado, segure bem a saia. O Arantes já chegou. O Arantes está aí, o Arantes está solto. Ele é traiçoeiro, muito traiçoeiro.”

E Dulce seguiu sua vida segurando a saia, “implorando piedade ao vento”, dando conselhos às mulheres para terem cuidado com ele.

Agora eu sei porque ficou assim, “magrinha, com a cabeça toda branca e aquele medo terrível do vento, aquele terrível medo do Arantes.”

(Texto baseado em uma leitura “Tanta Gente” de Eneida de Moraes)



APRESENTAMOS O CONTO O BEBÊ

Por Helena Girard

Helena Girard nasceu em Cametá-Pa, gosta de rir de tudo e de nada, é atriz, artesã, mãe, avó, mulher determinada a viver a vida intensamente. Escreve por prazer e, se pudesse, viajaria pelo mundo.

Ficara noiva do meu francês. Só depois é que fiquei sabendo do sangue real da família e que, depois de casada, moraria num castelo, no sul da França. Conversei com Jean, pedindo que me levasse para conhecer sua família e o lugar em que iria viver, a fim de não ter surpresas.

Primeiro, ele achou que não havia necessidade que, sendo do jeito que sou, me adaptaria facilmente às pessoas e ao lugar. Mas depois, devido minha insistência, partimos para a França.

Nossa!! Eu moraria ali? Lugar lindo!! Em nada parecia com o que imaginava. (Ah, mas tudo o que ia em minha cabeça eram cenas de filmes sobre reis, castelos...). Por fora, era um castelo de verdade, desses que a gente vê em revistas, tv, filmes. Mas por dentro... Uau! Sofisticado, limpo, claro, simplesmente deslumbrante!

E Jean serviu-me de cicerone naquele que seria o meu primeiro “castel tour”.

À medida que passávamos pelas alas, ele me dizia quando e por quem fora construída, quem havia morado lá, entre outras coisas.

De repente, Jean desvia do caminho, dizendo que por aquela ala do palácio não poderíamos ir.

— Ora, Jean, mas por quê?

— É a ala em que mora minha irmã e aí não podemos entrar.

Aquilo me deixou intrigada, mas respeitei a vontade de meu noivo, certa de que eu descobriria, mais cedo ou mais tarde, aquele mistério.

Passados os dias, eu me acostumara com a rotina daquele imenso lugar, mas a ala em que morava a irmã de Jean ainda era “impenetrável”, mesmo eu já a conhecendo e fazendo as refeições diárias com ela.

Sou muito curiosa e, todos os dias, como quem não queria nada, procurava passar em frente a um dos aposentos daquela ala. E toda vez que fazia isso, sempre ouvia sons estranhos.

Nessa tarde, o inusitado aconteceu. Vi a irmã de meu noivo sair daquele quarto gritando:

— Socorro! Por favor, ajudem! Ele quer me pegar! Socorro!

Parei abruptamente. O que vi me deixou estarecida: um bebê gigante correndo atrás de mulher, gritando:

— Mamã! Mamã!

Tentei segurá-lo pela fralda e ele se esquivou.

Saí correndo atrás dele. Tentei pegar seu braço e nada. Ele era escorregadio. Por fim lembrei-me de colocar o indicador na fenda que fica na clavícula. (Sei que a dor é muito grande quando se faz isso). Empurrei meu dedo ali com força, usando a outra mão para pressionar com intensidade. O bebê segurou meu braço, puxando minha mão. Não desisti. Cada vez que ele puxava, eu enterrava com mais força meu dedo naquele lugar, certa da dor que ele devia estar sentindo. Mas acabei sendo parada.

Meu marido acordou-me, agarrado em minhas mãos e puxando meu braço com força, disse-me:

— Tá louca, mulher! Quer me matar? Não vê que tá...

Na mesa do café da manhã, não olhava para meu marido sem que esboçasse um ar de riso. Isso o deixava ainda mais furioso. Em seu ombro, a marca do meu sonho: o lugar estava inchado e arroxeadado.



A cosmic background featuring a deep blue sky with a large, bright blue planet or moon in the upper left. The lower half of the image is dominated by a vibrant, multi-colored nebula or galaxy, with hues of purple, blue, and orange, and a dense field of stars. The overall scene is ethereal and expansive.

APRESENTAMOS O POEMA DILEMA DE UM CROSSDRESSER

Por Ivan Ribeiro

É mineiro, reside em Piúma/ES onde encontra na beleza infinita do mar grandes inspirações. Participa de vários concursos literários tendo alguns já lançados em livros, revistas e jornais.

Quando saio do banho que luta para escolher o que vestir,
Coloco uma camisola, ligante ou malha,
e ao mesmo tempo tiro e coloco um vestido.

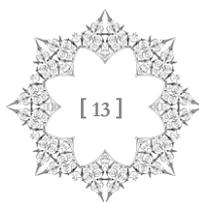
Visto uma saia e que dificuldade escolher a blusa que assenta,
e quando chega a hora da lingerie, que tortura escolher o modelo
ainda tem a cor o e tecido para complicar, renda ou microfibra?

Nestas alturas já sei o sacrifício que será para escolher a peruca, e os brincos.

E neste dilema, penso que cheguei a uma conclusão:

Mas a dúvida escarnece fazendo trote,
esqueci da sandália e o esmalte que combina com a roupa.
oh mulher, (estou treinando falar meu amor), ajuda aqui
se não deste jeito vou acabar ensandecido.

E nesta cumplicidade e incerteza,
quando ela vira as costas, dou um sorriso canhestro
e penso: como é difícil ser mulher.



APRESENTAMOS O CONTO PARÁBOLA

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) face o conto Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participou de 139 antologias. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). rschima@bol.com.br.

Era uma vez quatro lenhadoras. Chamavam-se: Ganância, Crueldade, Estupidez e Ignorância. As três últimas, estimuladas pela Ganância, puseram-se a cortar árvore após árvore de uma floresta próxima. Trabalhavam de maneira incansável.

— Quanto mais, melhor! — bradava a Ganância.

— Vamos cortar bem devagarinho — falou a Crueldade. — Pois, assim, as árvores sofrerão.

Árvore após árvore foi caindo, fazendo erguer nuvens de folhas.

Então, em dado momento, a Estupidez levou uma das mãos a cabeça e coçou seus furúnculos.

— Mas, se abatermos todas as árvores agora, não teremos outras para derrubar depois — expressou o óbvio em inflada sabedoria, achando-se o máximo.

— Eu não sei — murmurou a Ignorância, pestanejando. Nada sabia de fato, todavia, sempre fazia pose de metida, mãozinha na cintura. — Sei não...

— Que nada — insistiu a Ganância, erguendo a voz. — Se deixarmos para amanhã, virão outras lenhadoras e levarão o resto. Cortemos tudo agora e tudo será nosso!

— Só se for bem devagarinho — murmurou a Crueldade — para causar mais dor às árvores...

— Seja lerda você — retrucou a Ganância. — Quero logo o que é meu. E então?

A Estupidez deixou-se levar pela conversa da outra, estúpida que era, fazendo pose de sabida por mais dúvidas que tivesse:

— É claro!

A Ignorância, carente de conhecimento, também concordou para não se fazer de difícil.

— Tô nessa!

Prosseguiram sua jornada devastadora. Não se importaram com o suor, o cansaço e as dores no corpo. Contudo, em determinado momento, as lenhadoras se deram conta de que já haviam cortado praticamente tudo. Olharam ao redor.

— Acabou — disse a Ignorância.

— Hum... Não! Olhem lá em cima — apontou a Crueldade.

— É mato — afirmou a Estupidez cheia de certeza.

— Mato que nada. Tá cega? — discordou a Ganância. — São árvores mesmo.

Vamos lá!

Restavam somente quatro.

Quatro árvores belas e imponentes do que fora uma luxuriante floresta.

Não existia mais a floresta, destruída que fora pela Ganância e suas cúmplices.

Quanto aos animais que lá viviam, fugiram ou, desprovidos de alimento, passaram fome, definharam e morreram. Nada zumbia, chilreava, coaxava ou piava.

As árvores remanescentes tinham nomes. Chamavam-se: Amor, Esperança, Sabedoria e Coragem.

Enquanto árvores, não possuíam meios de buscar ajuda, abrigo ou fugir. Nem imaginavam que, algum dia, precisariam disso, pois também era certo que trajavam um véu de neblina chamado Inocência. Encontravam-se a mercê da Ganância, da Crueldade, da Estupidez e da Ignorância.

Teriam piedade?

Teriam escrúpulo?

Teriam bom-senso?

As lenhadoras não fizeram por menos.

— Vamos lá! — incitou a Ganância. — Uma para cada uma.

A Ganância escolheu a Coragem.

À Crueldade coube o Amor.

À Estupidez, Sabedoria.

Ignorância, Esperança.

Lenta e zelosamente, cortaram as árvores bem rente ao chão.

A Coragem cedeu lugar à Ganância.

O Amor desabou perante a Crueldade.

A Sabedoria foi vitimada pela Estupidez.

A Esperança sangrou diante da Ignorância.

Todas tombaram ruidosamente de encontro ao chão, fazendo erguer nuvens de poeira.

O silêncio caiu pesado em seguida, todavia, em breve foi quebrado.

— Finalmente! — exultou a Ganância. — É tudo nosso!

Todos ergueram os braços em comemoração.

— Vivaaa!

De repente, vinda não se sabia de onde, a ventania soprou pelas montanhas, colinas e vales, agora recobertos por uma terra estorricada. Fez erguer folhas secas, chumaços de palha e grãos de areia. Rodopiou feito bailarina. Mas não havia alegria em sua dança. Chegou até os ouvidos das lenhadoras e açoitou os cabelos delas.

— Que droga é essa? — resmungou a Ganância, irritada.

— Escutem! — disse a Estupidez. — Estão dizendo algo.

— Dizendo o quê? — perguntou a Ignorância. — Quem?

— Não deu para entender direito, foi demasiado baixo.

A Crueldade riu:

— Não seja estúpida. Tá imaginando coisa!

— Pode ser — anuiu a Estupidez, sem convicção. Sua falta de certeza vinha, em parte, do fato de ser meio surda. — Acho que é.

— Deixem de bobagem — interveio a Ganância, esfregando as mãos. — Hora da partilha!

Rodeados por pilhas e pilhas de árvores abatidas, passaram a discutir sobre quem ficaria com o que e quanto. Contudo, a Ganância, gananciosa que era, desejava a maior porção para si, afinal, fora a mentora da derrubada.

A Crueldade, porém, sentiu prazer em contradizer a Ganância, menos por ambição do que pelo prazer de vê-la ser humilhada.

— Você deu a ideia de virmos à floresta porque quis. Chamou a gente apenas porque é fraca, feia e solitária. É incapaz de realizar qualquer coisa sozinha. É egoísta de nascença e complexada por vocação.

A Ganância revidou no mesmo tom. Não iria dar o braço a torcer.

— Você é cega por opção e idiota por formação!

A Estupidez, enquanto tal, meteu-se onde não era chamada e entrou na dança.

A Ignorância, ignorante que era, deu uma de maria-vai-com-as-outras. Foi a favor de todas e contrariou cada uma.

Começaram a lutar entre si. A luta prolongou-se por horas a ponto de uma nem saber mais porque duelava com a outra.

Machados descreveram arcos no ar.

Gritos ecoaram na distância.

Seguiram-se gemidos.

Tudo aquietou.

Acabou.

Dessa maneira, as quatro lenhadoras — Ganância, Crueldade, Estupidez e Ignorância — destruíram-se mutuamente. Nenhuma delas ao final se apossou das pilhas de madeira sobre a área devastada.

Porém, retornando de suas revoluções pelas montanhas, a ventania deslizou através do declive, alcançou as colinas e dirigiu-se aonde se situava a antiga floresta. Lá, pôs-se a girar na forma de redemoinho. Rodou, rodou e rodou. O redemoinho cresceu e tornou-se um tornado.

As árvores derrubadas se ergueram e pareceram dançar como se uma força as tivessem ressuscitados. Foram erguidas e, ainda em ciranda, desapareceram turbilhão adentro até acima das nuvens.

O que antes fora um sussurro, através do tornado, tornou-se um rugido.

A ventania urrou:

— Ao contrário da Ganância, da Crueldade, da Estupidez e da Ignorância assim o digo: o Amor, a Esperança, a Sabedoria e a Coragem possuem bases sólidas e raízes profundas. Não perecerão! Prometo pelo meu nome. Chamo-me... Fé.

Fez chover de forma abundante.

Os corpos das lenhadoras foram consumidos pela terra, na igualdade de suas entranhas, revelaram suas essências: podridão.

Do que restara das árvores surgiram brotos. Eles se desenvolveram, transformaram-se em novas árvores: vigorosas, viçosas e de folhagens exuberantes.

O solo foi novamente recoberto e umidificado.

Fez-se sombra.

Ressurgiram o musgo, os líquens, os cogumelos, as samambaias, os arbustos, as trepadeiras.

A floresta renasceu.

Pássaros, cervos, felinos e insetos retornaram.

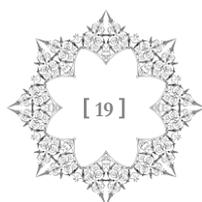
O Amor floriu e suas milhares de flores exalaram perfume.

A Esperança lançou seu tronco vertical em direção ao céu.

A Sabedoria cuidou de amadurecer e propagar seus frutos.

A Coragem, nobre e ativa, colocou-se adiante das outras.

A ventania chamada Fé, que jamais deixara de existir, ululou através dos troncos, dos ramos e das copas. Agitou as folhagens em um milhar de murmúrios. E, em seu rastro, pairou, para sempre, o frescor da felicidade.



APRESENTAMOS A CRÔNICA A SAUDADE NÃO TEM HORA CERTA!

Por Rosildo Barcellos

É graduando em Gerontologia, membro da ADESG – Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. Detentor das Medalhas do Mérito Pantaneiro, Zumbi dos Palmares, Antônio Felix Filho e Francisco Anselmo de Barros. Galardeado com o Troféu Marçal de Souza Tupa-Y, Cetran de Jornalismo e Personalidade Literária 2021. Recebeu as comendas Ministro Wilson Fadul, Visconde de Taunay, Germano Carretoni e Vespasiano Martins. É Membro Fundador da Academia Brasileira de História e Literatura – ABHL. Membro da Academia Independente de Letras – AIL, além de Comendador e Membro Vitalício e Imortal da Academia Literária Internacional de Artes, Letras e Ciências – A Palavra do século 21 ALPAS, Conselheiro de Cultura do município de Ladário/MS e Membro da ALACAF – Academia de Letras e Artes de Cabo Frio.

Esta vida complicada, busca por recursos, dinheiro, lugar pra morar, posição. Lá fora a Guerra na Ucrânia, aqui dentro, ao nosso lado, gente que te despreza, gente que te esquece, gente que te engana, gente que te troca por outro como se troca de roupa, gente que não acredita no futuro e outros que nem futuro tem. Tudo isso faz esquecer, vez por outra, da nossa essência. A minha, por exemplo, depois de 1414 artigos que completei em 2022 e cinco décadas de vida; é contar histórias. Não estamos no dia dos pais e muito menos está perto. Todavia os ensinamentos de nossos pais são para todos os dias e o nosso aprendizado também deve ser contínuo. E esta história foi real, não faz parte do universo imaginário. Se parecer com um fato acontecido com alguma outra pessoa, outra ocasião, outra cidade, não há problema. Que bom seria se todo filho tivesse algo, da convivência familiar, para contar de seus pais. Quem tem uma família estruturada e tradicional, mesmo nos dias atuais, deve agradecer ao altíssimo Arquiteto do Universo. Tantos não podem ter um dia dos pais, ou dia das mães juntos, pelos mais diversos motivos. Ou por que está acamado, ou porque está preso, ou porque um deles ou os dois partiram para o plano superior; ou ainda e simplesmente, pela própria insensibilidade e incompatibilidade do namorado, marido ou da esposa. Neste caso, em particular, aconteceu, foi real, eu a vivi ... e lembro como se fosse ontem à tarde. E como observação a seguir, a previsão se tornou realidade. Tornei-me sim um escritor.. E cheguei aqui no "Universo Imaginário" Que tenham uma bela leitura a seguir...

Na casa aonde moro tem alguns pés de árvore, é bem estilo “pantaneira mesmo”. E certo dia estávamos sentado em tocos de árvores em forma de cadeiras, que existem até hoje. Eu concentrado lendo uma revista, enquanto meu pai deitava os olhos na natureza e lembrava alguns estribilhos de suas trovas e melodias. De repente, um pequeno ser vivente pousou ao nosso alcance. E ele apontou, dizendo — Olha filho!

Evidentemente ocupado com a revista apenas balancei a cabeça. E ele continuou? Como chama?

Eu respondi afirmativamente:

— É um pássaro ! Ele continuou: — Como chama?

Respondendo novamente: — Um quero-quero

Como chama, insistiu?

Eu, para responder fechei a revista e este movimento rápido também assustou a ave. Continuei então, minha leitura. Pouco tempo depois, o pássaro voltou próximo aonde estava, certamente porque havia algum alimento que o interessava, e aproveitando o ensejo, meu pai questionou novamente: — Como chama?

Envolto de inquietude respondi com rapidez: Quero-quero, é um q-u-e-r-o q-u-e-r-o!

Aparentemente, não satisfeito com a resposta, indaga outra vez. ? Como chama?

Eu, não me contive e perguntei? Por que, Pai, perguntar tantas vezes? Diga-me por favor o porquê desse por quê?

Sem nenhum gesto ele se levantou calmamente e começou a caminhar. Eu intrigado perguntei aonde iria. Ele pediu para aguardar e saiu cantando uma melodia. " De quimeras mil um castelo ergui..."

Passado um tempo, voltou com uma mala marrom, aquelas que antigamente os caixeiros viajantes usavam, e abriu perto de mim. Pegou um caderno um pouco amarelado, todavia encapado. Abriu em uma página e me entregando disse: — Sua mãe

que escreveu, pode fazer a gentileza de ler em voz alta? Ela tem uma letra bonita, não acha?

Sem entender, comecei a ler e lá encontrei:

Hoje nosso único filho faz aniversário. É primeiro de abril. As meninas estão bem e querem fazer uma surpresa. Tivemos orgulho em levá-lo a escola em seu primeiro dia. Paramos no parque quando um pássaro pousou bem perto. Nosso filho perguntou quem tinha penteado os cabelos da ave e queria saber seu nome. Respondemos que era o quero-quero e que Deus havia penteado e passado brilhantina, certamente era aniversário dele e ele iria em uma festa na floresta. O fato engraçado foi que, ele perguntou quinze vezes? Como Chama? E o pai respondeu com toda a paciência do mundo que era: Um quero-quero! Eu e seu pai estamos tão felizes! Seu pai disse...(com toda essa curiosidade ele será muito inteligente, talvez um escritor). Fiquei brava porque ele disse: É meu filho! Poxa... ERA MEU TAMBÉM!

Nesta hora, não suportei e a revista caiu no chão. Abracei meu pai com todas as forças que eu tinha naquele momento. Percebi que eu não era inteligente quanto ele pensava. Que eu tinha tanto a aprender. Que eu não sabia nem a língua dos pássaros e nem quantas estrelas tinham no céu. Ele me ensinava o tempo todo. Contava causos, dava exemplos. Hoje não posso ouvir a vibração das suas cordas vocais, mas posso contar as histórias que eu vivi e que muito me ensinaram a viver, posso diminuir a dor do meu semelhante, posso entender quem é menos afortunado do que eu, pois eu tive as melhores aulas deste mundo, com o Professor Doutor, meu pai!



APRESENTAMOS O POEMA UNIVERSO DA POESIA

Por Wanda Rop

Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Atualmente Acadêmica Curso Superior de Filosofia, com colação de grau prevista para Jan 2022. Acadêmica da A.I.S.L.A, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" (Ed Sunny/Ed Uiclap) com medalha Seller!

O poeta é um ser abençoado
De sensibilidade à flor da pele
Num Universo Imaginário
Faz com que o amor se eleve

A poesia é o ar que respiro
É o abraço amigo que me envolve
É o amor revelado em palavras
Refúgio de quem ama e sofre

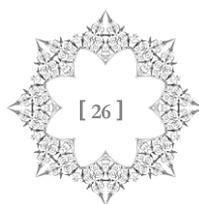
Ai daquele que ama em segredo
Que nunca pode se expressar
Sofrendo com seu amado à distância
Através de um poema consegue amar

Não há quem nessa vida
Nunca sentiu forte paixão
E num desvario sem fim
Seu mundo caiu ao chão

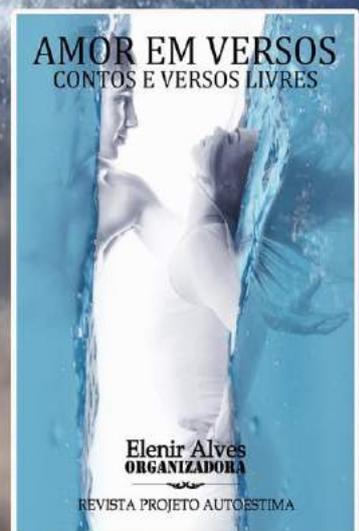
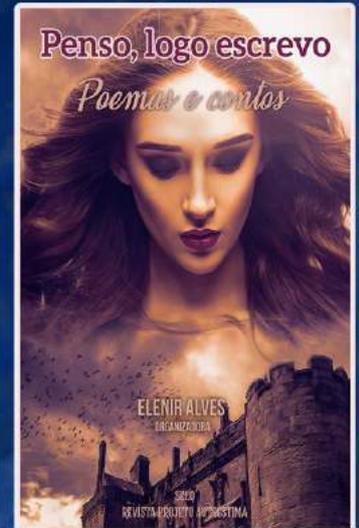
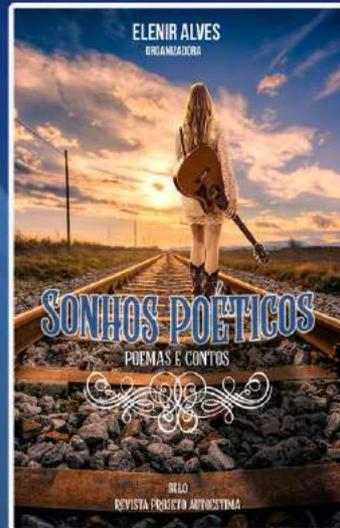
O poeta também sofre desses males do amor
Em inspirações noturnas e apaixonadas

Transcreve para o papel sua dor

Algo possível às mentes iluminadas!



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

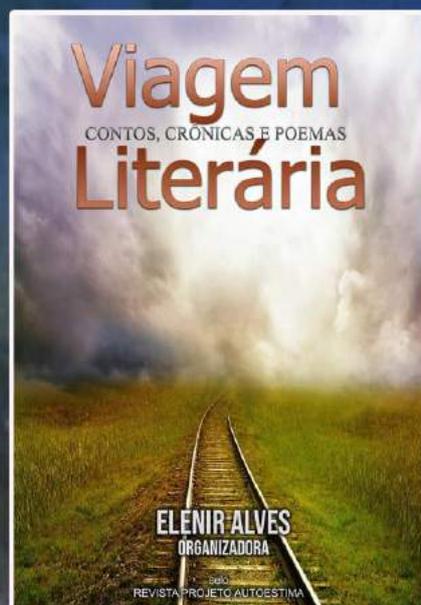
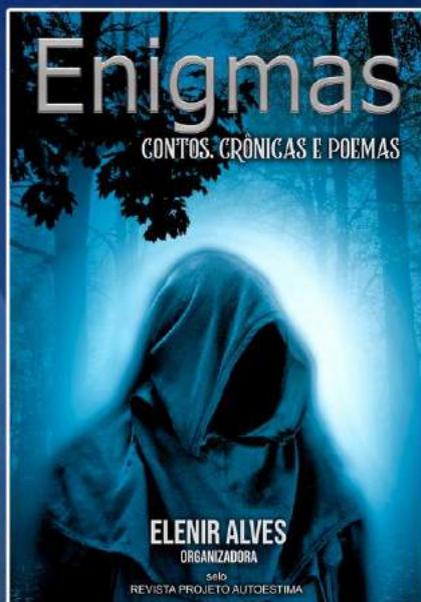
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI